

## Resenha

# Pensar escrevendo:

**A produção de texto nas Ciências Sociais segundo**

**Howard S. Becker**

**Thinking by writing: Text production in Social Sciences according to Howard S. Becker**

Julia Polessa Maçaira\*

BECKER, Howard S. *Writing for Social Scientists: How to start and Finish your thesis, Book, or article*. 2ª edição com um capítulo de Pamela Richards. Chicago: The University of Chicago Press, 2007, 197 p.

A primeira edição de “Writing for Social Scientists” foi publicada em 1986 como fruto das experiências do autor como professor de uma disciplina sobre escrita para pós-graduandos na Northwestern University, em Illinois (EUA). Howard S. Becker é um intelectual norte-americano reconhecido mundialmente no campo das Ciências Sociais. Suas obras foram traduzidas para diversas línguas (muitas para o português) e sua trajetória intelectual foi discutida em conferências (cf. BECKER, 1996) e entrevistas (cf. VELHO et alli, 1990). Além disso, encontram-se disponíveis em sua página pessoal na internet<sup>1</sup>: biografia, artigos, livros e músicas, pois, além de sociólogo, professor e pesquisador, ele também é pianista. Para esta resenha, é pertinente mencionar que Becker se interessou pela noção de “interação simbólica”, perspectiva frequentemente associada ao que se convencionou chamar de “Escola de Chicago”. Apesar das críticas do próprio Becker à essa expressão, o departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Chicago congregou, no início do século XX, pesquisadores que estudaram a fundo essa grande cidade norte-americana, aliando a metodologia de pesquisa qualitativa aos estudos estatísticos na composição de estudos de comunidade sobre os “problemas urbanos”. Esse “modo de pensar” teve, dentre outros aspectos, considerável repercussão nos estudos de antropologia e sociologia urbanas desenvolvidos no Brasil.

1 Aos 86 anos, aposentado das atividades docentes, Howard S. Becker mantém ativamente uma página na internet, disponível em: <http://howardsbecker.com/>, acesso em 16 de agosto de 2014.

Artigo  
Recebido: 23/04/2014  
Aprovado: 02/09/2014

Em 2007, Becker publicou uma segunda edição revista e ampliada, posterior, portanto, à tradução francesa (Paris: Éditions Economica, 2004, com prefácio de Jean-Claude Passeron) e antes da edição em língua espanhola, lançada, em 2011, pela argentina Siglo XXI, com o título: “Manual de Escritura para científicos sociales: Como empezar y terminar una tesis, un libro o un artículo”. A meu ver, “manual” de escrita ou de redação não é a tradução mais adequada para intitular esse livro, pois nele o autor não tem o objetivo de “ensinar a escrever”, mas se propõe a discutir problemas que envolvem a escrita (e os bloqueios) que são comuns entre os cientistas sociais, sejam eles jovens alunos, pós-graduandos ou professores experientes. Faz, portanto, uma análise sociológica do processo de escrita acadêmica. O mérito do livro está justamente nesta abordagem: caracterizar os fatores que impedem que a escrita se realize plenamente como “problemas de organização social”. Tal opção não impede que o livro apresente – também – “dicas” objetivas, úteis e extremamente pertinentes para os leitores-escritores. Aí reside a segunda grande qualidade da obra e que reitera a primeira: Becker identifica problemas e questões que acompanham (ou afligem, para usar um termo menos otimista, porém, talvez, mais realista) aqueles que se dedicam a produzir textos nas Ciências Sociais nos anos 1980, nos Estados Unidos, analisando medos, inibições e ansiedades que permanecem atuais para essa sociedade em meados dos anos 2000, mas também para a francesa, a argentina e para a brasileira, apenas para citar algumas. Ou seja, sua obra parte de casos particulares, mas que podem ser generalizados.

E quais são as principais dificuldades identificadas pelo autor? Quais são as soluções propostas, as “dicas” e os exemplos discutidos ao longo dos dez capítulos do livro? Ao leitor ávido por respostas, Becker não alimenta ilusões e alerta: “ler este livro não irá resolver todos os seus problemas de escrita. Dificilmente ele irá resolver algum. Nenhum livro, nenhum autor, nenhum perito – ninguém poderá resolver os seus problemas. Eles são seus. Você tem que se livrar deles” (Becker, 2007, p.173 – tradução própria). Portanto, a principal recomendação é começar a escrever, colocar no papel tudo o que vem à sua cabeça, digitando o mais rápido possível e sem se preocupar, nesse primeiro rascunho, com citações e referências. A escolha por esse tipo de escrita, conhecida como “freewriting” – escrita em fluxo contínuo, ininterrupto – é defendida pelo autor do princípio ao fim do livro e relaciona-se com sua opção por um estilo de escrita, por um texto sociológico mais claro e direto.

Becker resalta que o estilo acadêmico está diretamente ligado às formas de escolarização e socialização dos cientistas sociais; são formas aprendidas e interiorizadas nas etapas da formação universitária. Ou seja, o estilo de escrita não é meramente uma escolha individual, mas um fato social.

Um traço marcante na obra de Howard S. Becker é a sua opção por um estilo de escrita acadêmica sem pompas nem firulas. Ele é reconhecido por utilizar uma linguagem clara que, mesmo abordando com exatidão conceitos e teorias sociológicas, não prioriza a prosa rebuscada. Se para seus fãs, a clareza de linguagem é vista como uma de suas qualidades, para seus críticos, representaria uma desvalorização do status científico da sociologia. Entretanto, para os que acreditam na importância da divulgação da sociologia e no diálogo da disciplina com distintos públicos, acadêmicos e não acadêmicos, a comunicação didaticamente objetiva é fundamental para o acesso ao conhecimento sociológico. Além disso, Becker defende que os principais manuais de redação norte-americanos criticam, por exemplo, o uso de frases na voz passiva e substantivos abstratos em prol de um estilo direto e sem floreios, o que significaria, portanto, que a objetividade seria uma norma da língua (inglesa), e não a filiação a uma teoria sociológica específica.

Dizer que para escrever é preciso começar e colocar as palavras no papel parece óbvio e simples, mas o primeiro obstáculo não tarda a aparecer. Por onde começar? Existem muitas maneiras de se escrever sobre um assunto, outras tantas de desenvolvê-lo; múltiplas formas de apresentar um argumento e defender um ponto de vista, mas Becker defende que só encontramos a nossa maneira de dizer o que queremos quando começamos a escrever. O escritor não deve tentar encontrar o “caminho certo” da tese ou livro, simplesmente porque esse caminho único não existe – esse é o tema do capítulo três (“one right way”). Você encontrará a sua maneira de argumentar e conduzir o leitor para as suas conclusões através dos dados da sua pesquisa. Todo autor faz escolhas e todas elas têm consequências no desdobramento do trabalho e na sua divulgação. Portanto, ao escolher um caminho, o autor preteriu todos os outros e, como bem explicou Pamela Richards no sexto capítulo<sup>2</sup>, isso pode ser fonte de medo e insegurança. Os “riscos” envolvidos no ato de escrever estão diretamente relacionados com a organização universitária e com o sistema de avaliação acadêmica pelos pares. Segundo Richards, ser “lido” por um par contemporâneo provoca tanta desconfiança quanto um par “sênior”. O primeiro pode estar numa posição de concorrência com você (por postos de trabalho e bolsas, por exemplo) e o segundo, por situar-se numa posição hierárquica superior, pode tomar seu texto como uma versão acabada e, a partir dela, proferir um veredito sobre as suas capacidades intelectuais.

Muitas são as dificuldades problematizadas ao longo do livro, e o leitor certamente irá se identificar com algumas ou muitas delas. Esta resenha não pretende dar conta da totalidade de casos apresentados e bem exemplificados pelo autor, e nem poderia. Escolhi, portanto, alguns elementos representativos do argumento central da obra. Segundo Howard Becker, “escrever é uma

2 Todos os capítulos do livro foram escritos por H. S. Becker, com exceção do capítulo 6 – “Risk”, que foi originalmente uma carta de Pamela Richards explicando quais seriam os riscos envolvidos na escrita de um texto. A resposta foi tão completa, segundo Becker, que foi incluída na íntegra.

forma de pensar”, contrapondo-se, portanto, à ideia de que seria preciso ter o pensamento claro antes de começar a escrever, pois, para ele, seria justamente ao contrário, ao escrever as ideias ficam mais claras. Um dos problemas é que os cientistas sociais não costumam saber ou entender que um texto precisa ser escrito e reescrito muitas vezes, e isto não significa incapacidade ou falta de inteligência de seu autor, pois é um processo exigido tanto para os jovens quanto para os mais experientes (Becker fala de, pelo menos, sete versões de seus textos). Essa incompreensão pode ter raízes na escolarização pré-universitária, na qual o ato de escrever é relacionado com a consecução de uma tarefa definida externamente (pelo professor ou sistema escolar) e com um prazo determinado. Nesse modelo, o texto costuma ser escrito de uma só vez, entregue e avaliado. Não há revisão, o retorno do avaliador é a nota e não há comentários para que o texto seja refeito. Um texto acadêmico passa por processos diferentes, uma vez que pressupõe o envolvimento maior do autor com o tema (se comparado com a dedicação à execução das avaliações escolares). No universo intelectual, a escrita visa comunicar uma ideia e defender um argumento no contexto de um debate intelectual. Nesse sentido, Becker reforça o argumento de que é preciso “colocar o texto na rua”, fazendo analogia com uma expressão utilizada na indústria da computação – “to get it out the door” (capítulo 7), isto é, mostrar o texto para colegas que farão uma leitura crítica e contribuirão para o aprimoramento da escrita.

A avaliação crítica dos colegas e pares pode paralisar o autor e impedi-lo de começar ou terminar seu texto. Escrever é submeter-se ao crivo de outros. Este ponto relaciona-se diretamente com a natureza da atividade intelectual acadêmica na qual os prazos para a publicação existem, mas, além de situarem-se a médio ou longo alcance, dependem, principalmente, das metas e objetivos pretendidos pelo pesquisador-professor-escritor. Os cientistas sociais devem criar seus cronogramas de acordo com o seu ritmo de trabalho (leitura, pesquisa e escrita), mas respeitando os prazos de submissão das revistas ou do editor. Porém, a pressão é muito mais interna do que externa, o ritmo da produção depende da visão de carreira e do lugar que esse pesquisador quer ocupar com a publicação de seus artigos e livros. A escrita informa que tipo de profissional você quer ser e tem um papel de destaque na forma como será reconhecido no campo acadêmico.

Uma das grandes qualidades do livro reside na atualidade da análise, pois mesmo após quase trinta anos da primeira versão do texto e muitas mudanças envolvendo as “máquinas de escrever”, o texto de Howard Becker não envelheceu, pelo contrário, segue contribuindo para a compreensão do tempo presente. Até o capítulo intitulado “Escrevendo com computadores” (cap. 9), não ficou datado e o texto original de 1986 foi acrescido de mais

algumas páginas que contemplam os avanços tecnológicos e seus impactos no ato de escrever (o mesmo recurso foi empregado pelo autor no 10º e último capítulo – Palavras finais). Desse modo, podemos entender o argumento defendido por Becker de que parte importante da escrita é trabalho físico: digitar, revisar e redigitar. Antes da invenção dos computadores, esse trabalho era ainda mais braçal, pois a mudança de um trecho de lugar dentro do texto exigia, muitas vezes, o trabalho de redigitar (ou datilografar) tudo de novo. Na década de 1980, os textos eram escritos a mão, em máquinas de digitar ou nos recém-criados, mas ainda não tão populares, microcomputadores com processadores de textos. Mas nem tudo são flores no mundo digital, alguns riscos não são nada virtuais: perda dos arquivos, múltiplas versões do mesmo texto e acesso ilimitado à bibliografia mundial (tema tratado também no capítulo 8: “Aterrorizado pela literatura”).

Para concluir, irei apresentar as quatro lições que a leitura de “Writing for social scientists” me ensinou. Em primeiro lugar, tenha em mente o seu argumento principal e defina com quem você pretende dialogar; em segundo lugar, escreva, mesmo que você não tenha clareza total sobre suas ideias, nem tenha certeza da direção a seguir; terceiro, esteja preparado para reescrever várias vezes e não tenha vergonha de seus esboços e rascunhos; por fim, mas não menos importante, não reclame dos computadores, nem diga que a internet “dispersa” ou atrapalha, pois escrever a mão ou digitando em máquinas e tendo que “cortar-e-colar” com papel e tesoura era fisicamente muito mais trabalhoso do que com a ferramenta digital e universal “Ctrl-C, Ctrl-V”. A obra não só leva o leitor a refletir sobre o ato de escrever, como também promove boas risadas em passagens inesquecíveis, tais como a descrição de manias e superstições que as pessoas inventam para si mesmas, numa espécie de “ritual mágico” particular de preparação e realização do ato de escrever. Provavelmente você irá se identificar em muitos casos relatados no livro.

## Referências

BECKER, Howard S. A Escola de Chicago. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 2 (2), 1996, p. 177-88.

VELHO, Gilberto *et alli*. Uma entrevista com Howard S. Becker. *Estudos Históricos*, 3 (5), 1990, p. 114-36.

VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a antropologia no Brasil. *Revista Ilha-Florianópolis*, v.4, n.1, p. 5-16, julho 2002.